

Desordem na casa

Junho é o mês das convenções partidárias, mas o PSDB ainda não marcou a data e o local de sua convenção, que vai homologar a recandidatura de Fernando Henrique. Aliás, marcou e desmarcou. De início, a convenção seria em Cuiabá, depois passou para uma cidade do interior de Minas e, finalmente, deverá ocorrer em Brasília – por ordem do candidato Fernando Henrique.

Este vaivém da convenção do PSDB serve para ilustrar a confusão que tomou conta do partido do presidente e da própria campanha de Fernando Henrique. Aliás, antes mesmo de começar a corrida eleitoral.

Está tudo uma verdadeira desordem. Há um mês foi designado o coordenador-geral da campanha – Eduardo Jorge Caldas. Ele, porém, trabalha sigilosamente. Jamais é visto em qualquer encontro de tucanos – os representantes dos partidos aliados é que vão diariamente à sua residência, provisoriamente transformada em escritório de campanha. Ou ele vai às casas de outros caciques partidários. Tudo com a orientação de ser “absolutamente sigiloso”. Eduardo Jorge está destacado para cuidar de questões operacionais da campanha – do tipo escolher o prédio onde será o comitê eleitoral; recrutar os funcionários e, posteriormente, encomendar pesquisas.

A estratégia política da campanha, porém, fica com outro grupo. Aliás, outros grupos. Um desses será integrado por representantes dos partidos aliados. É o formal. Para esse grupo, muitos já foram citados, mas nenhum formalmente convidado. Ou seja, por ora, é, como diriam os tucanos, “só fofoca de jornal”. Um traço comum entre os indicados: desistiram de enfrentar as eleições, como o governador Marcello Alencar (PSDB) e o senador Jader Barbalho (PMDB).

Há também outro grupo, formado por Antônio Carlos Magalhães, Tasso Jereissati, Jorge Bornhausen, Eliseu Padilha. Estes seriam os responsáveis pela estratégia política. A verdadeira, que seria seguida pelo candidato FHC.

O que há é um total descompasso entre o presidente-candidato e a executiva nacional de seu partido, o PSDB. À exceção do presidente Teotônio Vilela, com quem tem bom relacionamento – até porque os dois têm temperamento afável e cordato –, Fernando Henrique não tem afinidade com os demais comandantes do partido. Por isso mesmo é que o presidente tanto tem desautorizado o comando tucano. E irritado o partido.

Além dessa completa falta de organização da campanha, o presidente Fernando Henrique está perdendo o que foi seu maior trunfo em 1994: o poder da sedução. Admiradores do passado recente hoje já fazem restrição ao governo e à própria forma de governar de FHC – embora isso não queira dizer que venham negar-lhe o voto.

Industriais paulistas fazem uma avaliação muito desanimadora a respeito do governo de Fernando Henrique. Fica claro que há uma preocupante falta de confiança, descrença quanto às convicções do próprio governo e desânimo, mesmo.

“O governo federal tenta passar a idéia de que fez tudo certo, mas o mundo errou, por causa da crise da Ásia, as condições climáticas que levaram à seca, a mídia que critica muito e até a oposição”, disse um deles. É aquela mania de não assumir os próprios erros, mas atribuí-los a fatores externos.

Vê-se, portanto, que o problema da recandidatura de Fernando Henrique não é apenas na organização da campanha. Mas na organização do próprio governo.

Alguma coisa, porém, começa a mudar. Parece que os críticos de Fernando Henrique perceberam a possibilidade concreta de haver segundo turno. E, mesmo que FHC vença, saíria desgastado, sem capacidade de iniciativa.

Os que não querem a mudança completa da política econômica – defendem a abertura do mercado, mas juros mais baixos e uma política de emprego mais consistente – já estão seguindo o conselho do próprio FHC. Já baixaram o tom para não azedar o caldo antes mesmo de a campanha começar.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

O vaivém da convenção tucana ilustra a confusão que tomou conta do partido e da campanha de FHC